

# Sobre a coragem cívica

J.O. de Meira Pereira

No famoso discurso que pronunciou em Harvard, em junho de 1978, justa e geralmente reconhecido como uma das grandes peças de oratória crítica deste final de século, em matéria de filosofia política, Alexandre Solzhenitsyn acusou o mundo ocidental de haver perdido sua coragem cívica. Esse declínio seria particularmente notável nas elites governantes e intelectuais, atingindo às vezes o ponto de falta de virilidade. "Os funcionários políticos e intelectuais", afirma o grande escritor e "profeta" russo, "exibem essa depressão, passividade e perplexidade em suas ações e declarações e, principalmente, em seus arazoados autopromocionais, alegando ser realístico, razoável, intelectual e até moralmente justificado basear a política do Estado em fraqueza e covardia". Uma tal atitude, continua Solzhenitsyn, coexiste às vezes ironicamente com explosões ocasionais de audácia e inflexibilidade, de parte desses mesmos funcionários quando se trata de atingir correntes adversárias que claramente não podem oferecer resistência. As palavras desse entre os maiores "testemunhos da verdade" em nosso século eram dirigidas aos estadistas e intelectuais das grandes potências ocidentais — mas se aplicam admiravelmente a nosso próprio país. Calham como uma luva nas mãos do governo da "nova" República, a qual revela, simultaneamente, a maior tibieza na condução da política econômica e a prepotência de uma declaração como a que fez a propósito da "moratória": "Nada de tração ao País sob o pretexto de criticar o governo"...

É sobre isso que desejo exprimir-me com o mais enfático protesto. A fórmula que torna patriótico e nacionalista o calote, e de todo patriota exige que seja caloteiro, é uma fórmula imoral, demagógica e, essa sim, traiçoeira. Como escreveu o então senador Sarney em 5/9/84 (na Folha de S. Paulo): "Trair é simular posição, é mistificar, é fazer algo com um objetivo aparente mas buscando atingir um outro, camuflado, oculto. Quem tem coragem de discordar, de romper, de tornar pública uma posição, jamais pode estar traindo, pois o sinônimo de tração é o esconderijo das intenções"... Ora, o recurso ao tipo de excitação xenófoba, chauvinista e intolerante — que tem sido estimulada por esses "funcionários políticos e intelectuais" da charla de Solzhenitsyn — constitui um dos mais velhos e mais detestáveis instrumentos da demagogia. É uma tendência que, infelizmente, se acentua em nosso país, indicando por parte de membros do Congresso, do Planalto e de governos estaduais a contaminação e aquisição progressiva da síndrome da deficiência imunológica à ideologia nacional-socialista. É um fenómeno absolutamente lastimável que me enche de ominosas antecipações.

Sobre o tema específico da "ilegitimidade" da dívida externa e da "legitimidade" do não-pagamento dos juros falo com desencargo de consciência. Afinal de contas não concordei, há seis anos, com a cumplicidade suspeita de certas autoridades brasileiras em relação à sem-vergonhice do governo polonês que nos deve mais de dois bilhões de dólares e também não paga. Em que pesem as diferenças substanciais entre os dois negócios, não posso discordar de um calote e concordar com o outro. Pela nonagésima vez recordemos as circunstâncias em que contraímos a imensa dívida e deixemos de procurar justificações morais e ideológicas para o que é, simplesmente, uma necessidade pragmática. Deixemos de mentiras e sutilezas. 1) O Brasil desejava, nos anos 70, um rápido desenvolvimento sem ter de recorrer, como fazem alguns países progressistas

do Extremo Oriente (Coréia, Taiwan, Singapura), à poupança interna. Questão de comodismo...

2) A diplomacia brasileira insistia então, obsessivamente, na tese da "deterioração das relações de troca", vociferando essa postura na ONU. Acabou convencendo os árabes e venezuelanos, os quais aumentaram os preços do petróleo em 1973 e 1978.

3) Os dois choques do petróleo, que resultaram daquela diplomacia imbecil, desgraçaram-nos: mais da metade de nossa dívida resulta das despesas com importações de petróleo, que chegaram a alcançar 10 bilhões de dólares por ano.

4) O presidente Geisel, que fora presidente da Petrobrás, obstinado alemão que é, não moderou, como devia tê-lo feito, os grandiosos projetos desenvolvimentistas, não impôs restrições ao consumo da gasolina pelo aumento dos preços internos e não estimulou em tempo oportuno o Proálcool. Se o petróleo não era nosso, mas dos árabes, a culpa por essa política desastrosa, essa sim, é nossa...

5) Se, ao contrário do México, de Cuba, da Argentina ou do Peru não esbanjamos o dinheiro obtido do Exterior em loucos projetos belicosos ou malcheirosos desvios de funcionários corruptos, certo é também que alguns projetos como a Ferrovia do Aço, a siderurgia, a Sunaman e, os créditos à Polónia revelam uma irresponsabilidade e incompetência em escala monumental, explicando uma parcela ponderável da dívida.

6) Se, como afirma a Múmia Faraônica que preside a Constituinte, juros internacionais de 8, 12 ou mesmo 21% são "insanos" (na realidade, resultavam da epidemia inflacionária internacional, a stagflation que a todos atingiu, com maior ou menor intensidade, na final década dos 70), o que dizer então dos juros de 750 ou 800% que o governo do PMDB tolera internamente? E o que dizer da idoneidade de negociadores brasileiros que, aceitando 2,5% de spread nos empréstimos estrangeiros, concederam ao governo polonês taxas líquidas de 7,5 e mesmo 3% sobre nossos créditos a Varsóvia?

7) Finalmente, se nos encalacramos, por que não corrigir os desperdícios inacreditáveis, o empreguismo alucinado, os abusos, os escândalos nos vários níveis da administração geral, estadual e municipal? Os motivos reais do déficit do Tesouro? Esse espírito perdulário que tudo compromete no Paraíso dos Vira-Bostas de que nos fala Emil Farhat? Que país sério é este, que possa fazer-se respeitar pelos círculos financeiros internacionais?

Em conclusão, recurso desprezível é esse de excitar o chauvinismo xenófobo. Não obteremos melhores condições para a renegociação da dívida com atitudes dignas de uma República de Banana da Cucaracholândia — tais como as sugeridas por políticos cafejestes com posição na Constituinte e nos governos estaduais: "O Brasil não admite! ...". "Não pagaremos com a fome de nosso povo!" "Vamos mandar um ultimato!" "O governo brasileiro não aceita!"... Não adianta tampouco o poeta maranhense trocar as sugestões de ciência econômica fantasista de Maria da Conceição Tavares pelas de seu colega russo Evtuchenko. Que calamidade! Enfim, a covardia, a desfaçatez, a desonestidade só contribuem para comprometer o crédito já bastante enfraquecido do Brasil. "Objetivamente", prejudicam o País. A verdadeira tração é essa!